

Um novo mandamento vos dou: “que vos ameis uns aos outros”; assim como vos amei, que também vos ameis uns aos outros.

João 13:34

O novo mandamento

A leitura despercebida do texto induziria o leitor a sentir nessas palavras do Mestre absoluta identidade com o seu ensinamento relativo à regra áurea.

Entretanto, é preciso salientar a diferença.

O “ama a teu próximo como a ti mesmo” é di-

verso do “que vos ameis uns aos outros como Eu vos amei”.

O primeiro institui um dever, em cuja execução não é razoável que o homem cogite da compreensão alheia. O aprendiz amará o próximo como a si mesmo.

Jesus, porém, engrandeceu a fórmula, criando o novo mandamento na comunidade cristã. O Mestre refere-se a isso na derradeira reunião com os amigos queridos, na intimidade dos corações.

A recomendação “que vos ameis uns aos outros como Eu vos amei” assegura o regime da verdadeira solidariedade entre os discípulos, garante a confiança fraternal e a certeza do entendimento recíproco.

Em todas as relações comuns, o cristão amará o próximo como a si mesmo, reconhecendo, contudo, que no lar de sua fé conta com irmãos que se amparam efetivamente uns aos outros.

Esse é o novo mandamento que estabeleceu a

intimidade legítima entre os que se entregaram ao Cristo, significando que, em seus ambientes de trabalho, há quem se sacrifique e quem compreenda o sacrifício, quem ame e se sinta amado, quem faz o bem e quem saiba agradecer.

Em qualquer círculo do Evangelho, em que essa característica não assinala as manifestações dos companheiros entre si, os argumentos da Boa-Nova podem haver atingido os cérebros indagadores, mas ainda não penetraram o santuário dos corações.

(Caminho, verdade e vida. FEB Editora. Cap. 179)

Anotemos

Os ensinamentos de Jesus estão nas linhas da natureza.

Quanto menos perseverança na enxada, mais ferrugem a dificultar-lhe o serviço.

Quanto mais suor no arado, mais bênção na sementeira.

Quanto menos repouso à fonte, mais limpidez na corrente.

Quanto mais descanso ao poço, mais estagnação enfermiza nas águas.

Quanto menos trato às plantas do pomar, mais ampla invasão da erva daninha.

Quanto mais poda nas árvores benfeitoras, mais valiosa se lhe faz a produção.

Assim também na vida.

Quanto menos esforço, mais intensa excursão na ociosidade.

Quanto mais diligência, mas crédito na ação.

Quanto menos fé, mais névoa de incerteza.

Quanto mais serviço apresentado, suprimimento mais alto.

Quanto menos bondade, mais pessimismo.

Quanto mais amizade, alegria mais pura.

Quanto mais desprendimento no amparo, sim-

patia maior.

Quanto menos perdão, mais sombra de ressentimento.

Quanto mais amor, mais luz no caminho.

Quanto menos brandura, mais inquietação.

Quanto mais humildade, mais compreensão.

Por isso mesmo, nós, armados de vontade e discernimento, somos livres para estabelecer na vida o clima de sofrimento que nos segregue ou para construir o nosso caminho de felicidade, facilitando-nos a ascensão para a grande Luz.

Decerto, pensando na importância da Caridade nos mecanismos de nossas relações recíprocas, é que Jesus nos legou a observação inesquecível: “Amai-vos uns aos outros como eu vos amei”.

(Convivência. Ed. Cultura Espírita União. Cap. 16)

Caridade e convivência

A Caridade é a base da paz no relacionamento

humano.

A Convivência feliz pede apoio e compreensão.

Por vezes, é possível que os outros necessitem de nós, mas não podemos esquecer que todos nós necessitamos igualmente dos outros.

Auxilia aos vizinhos para que os vizinhos te auxiliem.

O próximo é a ponte capaz de escorar-nos na travessia das dificuldades.

Não fuja à prestação de serviços que a outrem consiga oferecer.

Esquece possíveis ofensas alheias, reconhecendo os nossos próprios erros.

Fala criando otimismo e paz.

Não te queixes de ninguém.

Trabalha e serve sempre.

Decerto, pensando na importância da Caridade nos mecanismos de nossas relações recíprocas, é

que Jesus nos legou a observação inesquecível:
“Amei-vos uns aos outros como eu vos amei”.

(*Convivência*. Ed. Cultura Espírita União. Cap. 20)

Na senda renovadora

Não alegues a suposta ingratidão dos outros para desertar da Seara do Bem.

Na engrenagem da vida, cada qual de nós é peça importante com funções específicas.

Considera o poder de auxiliar que te foi concedido.

Ninguém recebe o conhecimento superior tão só para o proveito próprio.

Saibamos dividir o tesouro da compreensão em parcelas de bondade.

Recorda que te apoias no concurso de muitos corações que te escoraram, um dia, no recinto doméstico, sem aguardar o brilho de qualquer premiação.

Revisa as sendas trilhadas e redescobrirás na base da tua riqueza de espírito um amigo anônimo encanecido entre a dificuldade e abnegação, ou a assistência de um companheiro que muitas vezes te haverá desculpado as fraquezas e as incompreensões, a fim de que amadurecesses no entendimento da vida.

Reflete nisso e concluirás que Deus jamais te falhou no instante preciso.

Reconhecerás que essa mesma divina Providência que te resguardou pelo devotamento de braços alheios, espera agora sejas a proteção dos nossos irmãos mais fracos.

Não sonegarás benevolência onde repontem agravos.

Lembrar-te-ás da infinita Bondade do Criador, que improvisa o oásis na aridez do deserto tanto quanto cultiva o jardim na amargura do pântano, e amarás sempre, aprendendo a distribuir os talentos de tuas aquisições espirituais.

Ninguém consegue adivinhar os prodígios do

Ante a indulgência divina

Induzidos à intemperança mental, a explodir dentro de nós por vulcão de loucura, meditemos na Indulgência divina, para que não venhamos a cair nos desajustes da intolerância.

Achávamo-nos, ontem, desarvorados e oprimidos no torvelinho das trevas.

O Senhor, porém, nos concedeu novo dia para recomeçar a grande ascensão à luz.

Estávamos paráliticos na recapitulação incessante de nossos desequilíbrios.

Restituiu-nos a faculdade do movimento com os pés e as mãos livres para o reequilíbrio que nos compete.

Sofríamos desilusão e cegueira.

Reformou-nos a esperança e a visão com que assimilamos as novas experiências.

amor que nascerão de um simples gesto de bondade perante um coração que as circunstâncias menos felizes relegaram por muito tempo à secura, tanto quanto ninguém pode prever a alegria dos frutos que virão de uma simples semente nobre, lançada ao solo por muito tempo largado à negligência.

Seja qual for o contratempo que se te erija em obstáculo na estrada a percorrer, age para o bem.

Ambientando a fé no próprio íntimo, alterou-se-te a paisagem no dia-a-dia.

Faze dela instrumento de trabalho e lâmpada acesa no caminho.

Quando assinalaste a verdade que te ilumina o espírito, tiveste o coração automaticamente induzido a integrar a legião dos companheiros do Cristo, e diante do Cristo nenhum de nós poderá esquecer-lhe a inesquecível convocação:

“Amai-vos uns aos outros como eu vos amei.”

(*Mediunidade e sintonia*. Ed. Cultura Espírita União. Cap.

Jazíamos desassisados na sombra.

Reconduziu-nos à posse da integridade espiritual.

Padeíamos a desesperação a desgovernar-nos o verbo, através de atitudes blasfematórias.

Investiu-nos, de novo, com o poder de falar acertadamente.

Vitimava-nos a surdez, nascida de nossa rebelião perante a Lei.

Dotou-nos de abençoados ouvidos com que possamos assinalar as novas lições do socorro espiritual.

Procedíamos à conta de infelizes alienados, nas regiões inferiores, materializando em torno de nós as telas dos próprios erros e eternizando assim, o contato com os desafetos de nossa própria vida.

Concedeu-nos, porém, a divina Bondade a bênção do lar e da provação, da responsabilidade e

do trabalho em comum, nos quais tornamos à associação com os nossos adversários do pretérito para convertê-los, ao sol do amor, em laços de elevação para o futuro.

Não olvides a tolerância de Jesus, o nosso eterno Amigo, que nos suporta há milênios, amparando-nos o coração, através de mil modos, em cada passo do dia, e por gratidão a Ele, que não vacilou em aceitar a própria cruz para testemunhar-nos benevolência, sejamos aprendizes autênticos da fraternidade, porquanto somente no perdão incondicional de nossas faltas recíprocas, conseguiremos atender-lhe ao apelo inolvidável: “Amai-vos uns aos outros como eu vos ameí”.

(Atenção. Ed. IDE. Cap. 3)

As sentinelas da luz do santuário

A tempestade avizinha-se nos horizontes políticos e sociais do mundo inteiro.

Todas as vozes falam de um perigo iminente e todos os corações sentem algo de estranho no ar

que respiram.

Fala-se no coletivismo, recolhendo-se cada qual no exclusivismo feroz, e fala-se de nacionalismo e de pátria, dentro do mesmo conceito de egoísmo e de isolamento.

Esses extremismos caracterizam um período de profunda decadência nos costumes sociais e políticos desta época de transições.

Apesar, porém, de sua complexidade, esse fenômeno pode ser definido como a angústia generalizada do homem, nas vésperas de abandonar a sua crisálida de cidadão.

Todos os acontecimentos que abalam o planeta, espalhando nos seus recantos mais remotos uma onda revolucionária e regeneradora, significam o trabalho intenso e difícil da laboriosa gestação do novo organismo de leis pelo qual se regerão, mais tarde, os institutos terrenos.

Ditadores e extremismos são expressões transitórias dessa fase de experiências dolorosas porque a verdade é que o cidadão da pátria será

substituído pelo homem fraterno, irmão dos seus semelhantes e compenetrado dos seus deveres de amor.

Muitas dores implicam, por certo, nessa transformação das fórmulas patrióticas da atualidade, mas as democracias avançadas guardam, na sua estrutura, as sementes desse luminoso porvir.

Todavia, se falamos com respeito a esse assunto, é para dizermos aos nossos irmãos espiritualistas que eles são as sentinelas da Luz do Santuário, à maneira dos antigos heróis que guardavam as primícias do fogo sagrado.

Na hora das sombras, quando a subversão ameaçar o planeta, compete-lhes fornecer o testemunho de sua fé, como um penhor de segurança para as gerações do futuro.

A tarefa do espiritismo está, portanto, adstrita à realização do homem interior, dentro de um novo conceito de fraternidade.

Fora desses princípios, as atividades de cada qual serão como folhas volantes, dentro do seu

caráter dispersivo, porque todo o nosso esforço está enquadrado no “amarmo-nos uns aos outros” e é essa fórmula que deverá representar a bússola das atividades dos espiritualistas sinceros, os quais, com os seus abençoados sacrifícios, serão os “engenheiros sociais” dos tempos do porvir.

(Esperança e luz. Ed. Cultura Espírita União. Cap. “As sentinelas da luz do santuário”)

Amor

O amor puro é o reflexo do Criador em todas as criaturas.

Brilha em tudo e em tudo palpita na mesma vibração de sabedoria e beleza. É fundamento da vida e justiça de toda a Lei.

Surge, sublime, no equilíbrio dos mundos erguidos à glória da imensidade, quanto nas flores anônimas esquecidas no campo.

Nele fulgura, generosa, a alma de todas as gran-

des religiões que aparecem, no curso das civilizações, por sistemas de fé à procura da comunhão com a Bondade celeste, e nele se enraíza todo o impulso de solidariedade entre os homens.

Plasma divino com que Deus envolve tudo o que é criado, o amor é o hálito dele mesmo, penetrando o universo.

Vemo-lo, assim, como silenciosa esperança do Céu, aguardando a evolução de todos os princípios e respeitando a decisão de todas as consciências.

Mercê de semelhante bênção, cada ser é acaalentado no degrau da vida em que se encontra.

O verme é amado pelo Senhor, que lhe concede milhares e milhares de séculos para levantar-se da viscosidade do abismo, tanto quanto o anjo que o representa junto do verme. A seiva que nutre a rosa é a mesma que alimenta o espinho dilacerante. Na árvore em que se aninha o pássaro indefeso, pode acolher-se a serpente com as suas armas de morte. No espaço de uma peniten-

ciária, respira, com a mesma segurança, o criminoso que lhe padece as grades de sofrimento e o correto administrador que lhe garante a ordem.

O amor, repetimos, é o reflexo de Deus, nosso Pai, que se compadece de todos e que a ninguém violenta, embora, em razão do mesmo amor infinito com que nos ama, determine que estejamos sempre sob a lei da responsabilidade que se manifesta para cada consciência, de acordo com as suas próprias obras.

E, amando-nos, permite o Senhor perlustrarmos sem prazo o caminho de ascensão para Ele, concedendo-nos, quando impensadamente nos consagramos ao mal, a própria eternidade para reconciliar-nos com o bem, que é a sua regra imutável.

Herdeiros dele que somos, raios de sua inteligência infinita e sendo Ele mesmo o Amor eterno de toda a Criação, em tudo e em toda parte, é da legislação por Ele estatuída que cada Espírito reflita livremente aquilo que mais ame, transfor-

mando-se, aqui e ali, na luz ou na treva, na alegria ou na dor a que empenhe o coração.

Eis por que Jesus, o Modelo divino, enviado por Ele à Terra para clarear-nos a senda, em cada passo de seu Ministério tomou o amor ao Pai por inspiração de toda a vida, amando sem a preocupação de ser amado e auxiliando sem qualquer ideia de recompensa.

Descendo à esfera dos homens por amor, humilhando-se por amor, ajudando e sofrendo por amor, passa no mundo, de sentimento erguido ao Pai excelso, refletindo-lhe a vontade sábia e misericordiosa. E, para que a vida e o pensamento de todos nós lhe retratem as pegadas de luz, legou-nos, em nome de Deus, a sua fórmula inesquecível: “Amai-vos uns aos outros como eu vos amei”.

(Pensamento e vida. FEB Editora. Cap. 30)

Apelo fraternal ³⁷

(Vida e caminho. Ed. GEEM. Cap. "Apelo fraternal")

Tarefa mediúnica

Mediunidade não é instrumento barato de mágica, com que os Espíritos superiores adormecem a mente dos amigos encarnados, utilizando-os em espetáculos indébitos para a curiosidade humana.

Realmente observamos companheiros que se confiam a entidades não aperfeiçoadas, embora inteligentes, efetuando o fascínio provisório de muitos, no setor das gratificações sentimentais menos construtivas, entretanto, aí temos o encantamento temporário e nada mais.

Tarefa mediúnica, no fundo, é consagração do trabalhador ao ministério do bem. O fenómeno, dentro dela, surge em último lugar, porque, antes de tudo, representa caridade operante, fé ativa e devotamento ao próximo.

Quem busca orientação para empresas dessa

ordem, procure a companhia do Cristo que não vacilou em aceitar a cruz para servir, dentro do divino amor que lhe inflamava o coração.

Ser medianeiro das forças elevadas que governam a vida é sintonizar-se com a onda sublime do Evangelho da Redenção que instituiu o "amemo-nos uns aos outros", como Jesus se dedicou a nós, em todos os dias da vida.

A prosperidade dos sentidos superiores da alma não reside no artificialismo dos fenómenos transitórios e sim na devoção com que o discípulo da verdade se honra em peregrinar com o Mestre do perdão e da humildade, da renúncia e da vida eterna, ajudando, sem exceção, os viajores do escabroso caminho terrestre.

Se pretendes, meu irmão, um título na mediunidade que manifesta no mundo as revelações do Senhor, não te fixes tão só na técnica fenomênica; rejubila-te com as oportunidades de servir, exprimindo boa vontade no socorro a todos os necessitados da senda humana e, renovando

os sofrendores e os ignorantes, os perturbados e os tristes, sob o estandarte vivo de teu coração aberto para a humanidade, abraça-os por tua própria família! Depois disso, guarda a convicção de que te movimentas para a frente e para o alto, porque Deus, o Compassivo Pai de todos nós, virá ao teu encontro, enchendo-te a jornada de esperança, alegria e luz.

(Reformador, jun. 1951, p. 144)

Mais amor

Ama sempre para que possas compreender sempre mais...

Muitas vezes, no mundo, ensandecemos o cérebro e envenenamos o coração, indagando sem proveito quanto aos problemas que afligem os grandes e os pequenos, os ricos e os pobres, os felizes e os infelizes!...

Entretanto, bastaria um raio de amor no imo d'alma para entendermos a profunda união em que nos imantamos uns aos outros...

Ajuda antes de qualquer indagação!

Não peças diretrizes à Vida superior, antes de haveres praticado a fraternidade no círculo aca-nhado em que ainda te encontras.

A Terra é a nossa escola multimilenária, onde o amor é o sol para as mínimas lições.

Descerra teu espírito à sua claridade sublime e perceberás a dor que muitas vezes se agita sob o fardão dourado e observarás a glória sublime que, em muitas ocasiões, se destaca sob andrajos e sombras.

Oferece-lhe a mente e aprenderás que alegria e sofrimento, escassez e abundância, segurança e instabilidade na Terra não passam de oportunidades preciosas para a nossa elevação espiritual.

Não te esqueças de que somente aquele que se faz irmão do próximo pode soerguê-lo a mais altos destinos.

A tua boca pronunciará eloquentes discursos...

A tua pena escreverá páginas comovedoras...

A tua influência social e política assegurar-te-á transitório destaque na vida pública...

As tuas facilidades econômicas garantir-te-ão transitório respeito entre as criaturas...

Todavia, que será de ti sem o tesouro da compreensão que apenas o amor te pode conferir?

Mais amor em nossas atividades de cada dia é solução gradativa a todos os enigmas que nos cercam...

Só a luz é capaz de extinguir a sombra...

Só a sabedoria aniquila a ignorância...

Só o amor redime, vitoriosamente, a miséria...

Não nos abeiremos da revelação, indagando, pedindo, reclamando...

Amemo-nos uns aos outros e uma luz nova brotará no terreno vivo de nossa alma, constringendo-nos a sentir que só o trabalho no serviço ao próximo é capaz de conduzir-nos à comunhão com a verdadeira felicidade, que decorre de nosso ajustamento às Leis do Pai celestial.

(*Reformador*, fev. 1957, p. 38)

³⁷ N.E.: Vide nota 21.